

E ele já está preocupado com suas fracas alianças

Fernando Collor de Mello começou a descobrir que as alianças promovidas por seu PRN são inexpressivas — o que pode fazer com que ele despenque nas pesquisas de opinião. Mais que isso, Collor vem constatando que ter a seu lado políticos identificados com a direita e com o fisiologismo ainda pode causar grandes estragos à sua campanha. Ele teve um significativo exemplo do que pode acontecer, quando enfrentou sonoras vaias nos palanques de Manaus e Boa Vista sempre que se referia aos aliados locais. Por tudo isso, a coordenação de sua campanha decidiu tomar providências: cunhou um slogan com a pretensão de plantar sua candidatura em locais onde não tem trânsito nas lideranças políticas e onde o eleitorado não obedece líderes. O slogan: "Não me deixem só".

Collor precisa ter muita cautela ao aceitar adesões. Tal conclusão era unânime ontem entre os coordenadores de sua campanha, que estiveram reunidos durante quatro horas. Manaus e Boa Vista serviram como lição para Collor: foram os primeiros e talvez os únicos locais onde Collor fez comícios. Daqui para frente, ele falará em nome do Movimento Popular de Reconstrução Nacional, com a ambição de atrair políticos das mais variadas legendas — desde que cada um deles fale uma linguagem marcadamente antigovernista e, de preferência, os identificados como progressistas.

Collor sabe que os eleitores querem mais que uma proposta de renovação: esperam se vingar do poder nas suas diversas esferas. Ele não fala em "pacto" quando propõe acertar um programa mínimo de governo com Lula, Covas e Roberto Freire. No fundo, porém, é o que pretende. "Sou o único que pode propor isso, porque estou em primeiro lugar nas pesquisas", vangloria-se. "Sei que isso não vai resultar numa reunião desses presidenciais, mas podemos conversar com suas bases". Na verdade, Collor não esconde que tal proposta, se conseguir algum resultado em alguns setores do PT, PSDB e PCB, pode significar uma promessa de aliança para o segundo turno.

Antes disso, porém, ele quer atrair figuras de expressão nacional. Até agora, ele está sozinho. O senador Itamar Franco, o vice de sua chapa, já está incumbido de acertar os primeiros entendimentos com os políticos mais representativos de outros partidos. Seu sonho é formar um grande partido já na primeira renovação do Congresso, em 1990. Um dos argumentos que poderia seduzir seria a pregação do parlamentarismo. E Itamar defende a idéia: "Ninguém conseguirá governar sem o Congresso, mas também nenhum político se reelegerá se hostilizar um presidente eleito com mais de 50% dos votos".

Quanto a Collor, ele imagina que para continuar a crescer as bases partidárias são indispensáveis. Por ora, ele vai tentar se livrar das lembranças de sua origem política — a começar por Alagoas. "Alagoas é página virada", diz. "Agora vamos para outro patamar. Sou candidato pelo Brasil. Quero discutir o Brasil".